

Consumo Tecnológico e Midiático: uma análise de dados referentes à zona rural de Jangada - MT¹

Lohaine Barbosa LOHMANN²

Mariana Cristina MOURO³

Benedito Dielcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente trabalho apresenta dados acerca da utilização de mídias e redes sociais dos jovens estudantes do ensino médio, de uma comunidade do interior de Mato Grosso, localizada próximo a cidade de Jangada, a 75 km de Cuiabá. Para a realização deste texto, utilizamos dados referentes a questionários sobre hábitos de mídias aplicados nos anos de 2015 e 2017. Consideramos, também, a experiência da convivência com os estudantes, bem como dos professores da escola analisada. O foco do texto é a interpretação e análise dos dados coletados, principalmente com relação a realidade midiática e tecnológica da comunidade.

Palavras-chave: juventude; mídia; redes sociais; tecnologia.

Introdução

Com o rápido avanço do desenvolvimento tecnológico, a comunicação e a informação assumiram um papel decisivo na sociedade contemporânea, principalmente entre os jovens, reconfigurando novas formas de habitar e se relacionar no mundo. Atualmente podemos encontrar inúmeras pesquisas brasileiras que mostram os hábitos de mídia dos jovens⁵. O desenvolvimento de novos aparatos tecnológicos faz com que o diálogo entre os interlocutores e receptores seja cada vez mais frequente e acompanhado de sons e imagens colhidos em tempo real.

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO-UFMT, e-mail: lohh.lohmann@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO-UFMT e-mail: mmouro23@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Prof. Dr. Benedito Dielcio Moreira, email: dielcio.moreira@gmail.com

⁵ Disponível em: <http://estaticog1.globo.com/2016/10/02/projeto-18-34-edicao-futuro-020916.pdf>. Acesso em: 07/07/2018

Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa>. Acesso em: 07/07/2018

Em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, nos deparamos com a importância do desenvolvimento tecnológico como ferramenta de pertencimento do indivíduo, principalmente entre as juventudes⁶, e de ocupação de território. O receptor da mensagem, antes dependente apenas dos conteúdos gerados por sistemas midiáticos, agora é também produtor e gerador de informação. O advento das tecnologias e novos modelos de linguagem sugerem novas formas de experimentação dos jovens em seu contexto.

Os aparelhos celulares, por exemplo, não são mais exclusivos para ligações. Com a convergência midiática, o celular possibilita uma variedade de funções como tirar fotos, baixar conteúdo da internet, aplicativos, assistir vídeos, filmes, trailers, jogar e, principalmente, produzir e propagar suas próprias informações, interpretações de mundo e trocas de experiência entre grupos de indivíduos construindo espaços que vão muito além do geográfico.

Usamos nesse artigo a concepção de Guattari e Rolnik (1986) sobre território como produtor de uma relação de subjetividade individual e coletiva e não somente espaço físico. Segundo os autores, essa intersubjetividade está relacionada ao “eu” particular do sujeito, ao modo de ser, seus desejos e é construída por meio do modo com que ele se relaciona com ele mesmo, a sociedade ao seu redor e o encontro com o mundo.

Diante dessas questões, apresentamos neste trabalho uma discussão a partir de dados coletados por meio de questionários e experiências a partir de convivência semanal com os jovens, em 2015 e 2016, durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias” (MOREIRA 2017), uma parceria entre a Universidade Federal de Mato Grosso e a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso.

⁶ Concepção de Juventudes é reforçada por Dayrel (2003) ao afirmar que já não é possível falar de uma única juventude, dada as diferenças de gênero, classe social, etnia econômica e situação em relação ao trabalho, família e escola. Por essas diferenças, falamos em juventudes, no plural.

Esse artigo se concentra especificamente em uma região da zona rural do município de Jangada, em Mato Grosso, distante 75 km da capital do estado, Cuiabá. É parte integrante de outros estudos voltados para a compreensão das práticas de uso das mídias digitais, em especial em grupos localizados em comunidades periféricas e não atendidas plenamente pelas tecnologias hoje disponíveis, como as pesquisas vinculadas ao projeto “Jovem Brasileiro e Práticas Midiáticas em Tempo de Convergência - Brasil Profundo” (JACKS, PIEDRAS, ROSSINI, TOALDO, 2015).

O Município de Jangada

A cidade de Jangada fica a aproximadamente 75 km de Cuiabá, capital Mato-Grossense. O acesso principal é feito pela BR-364/163 - as duas vias estão unidas nesse trecho e figuram entre as principais rodovias federais do interior do Brasil. A BR-364 tem origem em Limeira – SP e acaba no extremo oeste do Acre. Já a BR-163 liga o noroeste do Rio Grande do Sul a Santarém no Pará. O trecho é de grande importância tanto para o escoamento da produção das regiões Centro-Oeste e Norte, na BR-364, quanto para o transporte de soja do Estado de Mato Grosso, na BR-163. Por ser uma das principais rotas do país e com intenso tráfego, principalmente de caminhões, o trecho de acesso a Jangada na BR-163 (que coincide com a BR-364) é hoje conhecida como “rodovia da morte” e apresenta grande índice de acidentes com óbito, devido ao grande fluxo e ultrapassagens perigosas, ocasionando grande risco tanto para condutores como para pedestres da região.

Na pretensão de aumentar a segurança, facilitar o transporte de cargas em carretas e fomentar a economia de Jangada – a maioria dos comerciantes e trabalhadores depende exclusivamente da rodovia para alavancar a economia local – o governo tem contrato que prevê a duplicação de pouco mais de 450 quilômetros na rodovia, mas até hoje apenas 120 quilômetros da rodovia foram duplicados. O trecho que liga Cuiabá a Jangada é de pista simples, com más condições na pavimentação. Uma segunda opção de acesso pode ser feita pela MT-010, saindo de Cuiabá, passando por Acorizal – município localizado a 63 km da capital – e de lá alcançar ao trevo da BR-364/163, de onde se trafega por mais 16 quilômetros até a cidade de Jangada.

Conhecida como a ‘cidade do pastel’, Jangada era denominada por antigos moradores de “Passa Três”. Foi em função do ribeirão Jangada, riacho que corta todo o município e deságua no rio Cuiabá, que a cidade passou a ter um novo nome. O rio Cuiabá, importante fonte cultural e econômica para o estado de Mato Grosso e fundamental na história das entradas e bandeiras – expedições de desbravamento territorial que ocorreram no Brasil nos séculos XVII e XVIII – banha o município de Jangada e foi muito importante para gerar as primeiras fontes de riqueza do povoado por meio do transporte de mercadorias. Os primeiros moradores a se aventurarem no comércio local traziam mercadoria da vila Passagem da Conceição, hoje distrito de Várzea Grande, para revender na região. Essas mercadorias eram trazidas em carros de boi ou lombo de burros às margens do rio Cuiabá. O percurso era feito em uma média de 10 dias, ida e volta.

Em 1940, a abertura da rodovia federal alavancou a economia da cidade. O fato de a região ser um entroncamento rodoviário, via de acesso para diferentes cidades da região Norte e Noroeste do estado, fez com que comerciantes obtivessem lucros com o grande fluxo migratório de pessoas que vinham em busca de novos caminhos. A Lei nº 209, de 02 de dezembro de 1945, criou o Distrito de Jangada, que foi desmembrado do município de Acorizal em 11 de setembro de 1986, com a Lei nº 5.051.

Até hoje o comércio às margens da rodovia, como postos de gasolina, borracharia, mercado, é um dos principais setores econômicos da cidade, que também conta com a agricultura familiar, produção tradicional da farinha de mandioca e com a venda de pastéis ao longo da rodovia quando esta corta a cidade, segunda maior fonte geradora de renda do município, contando inclusive com um Festival do Pastel anual, já em sua 12ª edição. Esse festival é o mais tradicional da cidade de Jangada e um importante evento de gastronomia, costumes, artes, e cultura da região. Além do pastel, a cidade conta também com diversos atrativos turísticos como cavernas, lagoas, cachoeiras e sítios arqueológicos.

O último censo demográfico, realizado em 2010, apontava uma população de 7.696 pessoas. Em 2017, segundo estimativa, o município tinha 7.996 habitantes. A faixa etária predominante na cidade é de crianças de 10 a 14 anos de idade, totalizando

11% da população total, seguida por jovens de 15 a 19 anos, que correspondem a 9% da população. Nesse contexto é importante ressaltar que em 2010 a taxa de escolarização abrangendo as idades entre 6 a 14 anos era de 96.1%. Em 2017 a região abarcava 6 estabelecimentos de ensino regular – sendo 4 na zona rural e 2 na área urbana – e uma unidade de Assessoria Pedagógica. Jangada é um dos municípios do estado de Mato Grosso que ainda possui uma tradição que não foi vencida pela urbanização das grandes cidades. Do total de 7996 habitantes, 4750 estão localizados na área rural, totalizando 61, 72% da população.

Várias comunidades estão espalhadas na região e é em uma dessas comunidades da zona rural que desenvolvemos nosso estudo. Aproximadamente 40 minutos de estrada de chão nos levam da zona urbana de Jangada até a pacata comunidade rural. Um dos moradores mais antigos da comunidade conta que quando ele chegou ao local não tinha nada, e que o surgimento do povoado foi se dando de forma lenta, na medida em que mais pessoas chegavam e construíam suas casas e pequenos comércios. Ao chegar à comunidade, duas construções chamam a atenção, a Igreja e uma Escola. A Igreja foi construída em 1979 e começou com um pequeno espaço sem energia elétrica, e foi sendo ampliada graças aos mutirões feitos pelos moradores da comunidade. Lugar tranquilo e de gente tímida, os moradores podem parecer sérios à primeira vista – principalmente os mais velhos – mas com pouco tempo de conversa já notamos um tom de voz mais animado e orgulho no olhar ao contar as histórias antigas do local. Esperança de melhorias, principalmente acerca da infraestrutura da comunidade, surge durante as conversas com os moradores da região.

A escola da rede estadual que fica na comunidade contemplava à época aproximadamente 170 estudantes do ensino fundamental, médio e supletivo. O espaço possui 4 salas de aula de tamanhos diferentes, devido à falta de padronização, cozinha, secretaria, sala de professor, laboratório de informática e quatro conjuntos de banheiros. A falta de um espaço para os alunos é sentida, pois a escola não possui biblioteca e a sala de informática raramente é usada pelos alunos, servindo quase exclusivamente para os trabalhos administrativos da instituição. A quadra poliesportiva descoberta é outro ponto que gera muita insatisfação, principalmente por parte dos alunos. A chuva de

verão, o sol e o calor escaldante no resto do ano fazem com que a quadra a céu aberto não seja tão utilizada.

Apesar dessas questões estruturais, alunos e professores dessa escola tem uma boa relação, difícil de ser encontrada nos dias de hoje em escolas estaduais das grandes cidades. Respeito e solidariedade na relação entre funcionários e alunos, mais velhos e mais jovens, tanto no ambiente escolar quanto na comunidade faz com que essa pequena falia pertencente à Jangada seja ao mesmo tempo um lugar tradicional, que busca nos avanços tecnológicos melhorias e possibilidade de contar a história desse lugar para o resto do mundo.

Juventude e Mídia

Esteves e Abramovay (2007) discutem que o conceito de juventude depende da construção social e inúmeros contextos. Não estamos diante somente de um tipo de juventude e sim cercados por grupos juvenis que, de acordo com seus diferentes contextos histórico, econômico, social, religioso, dentre outros, constituem em um composto heterogêneo e de caráter variável de acordo com as diferentes oportunidades e poder na sociedade. Mesmo com todas essas tensões que permeiam o conceito de juventude, para fins de viabilizar comparações e pesquisas internacionais, nacionais e regionais, é proposta uma determinada faixa etária para representar juventude, contemplando o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos⁷ de idade, tendo como principal característica a transitoriedade (UNESCO, 2004).

É importante atentar ao fato de que essa transitoriedade do jovem, esse “vir a ser” muitas vezes pode ter um reflexo pessimista na forma que a sociedade encara a juventude. O “vir a ser” como aquilo que ainda não chegou a ser, negando o presente (SALEM, 1986). Essa negatividade acerca da transitoriedade da geração acontece também quando se fala de infância. A infância sempre está relacionada com aquilo que as crianças não conseguem ou não podem fazer. O mesmo acontece com essa

⁷ É comum o uso da faixa etária de 15 a 24 anos nas definições de juventude. No entanto, algumas pesquisas internacionais recentes começaram a adotar o intervalo maior como, por exemplo, de 15 a 29 anos, na pesquisa espanhola *Informe Juventud em España*, e de 12 a 29 anos na pesquisa mexicana *Encuesta Nacional de Juventud 2000*. Os debates atuais defendem então a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos.

transitoriedade presente na juventude. O cuidado em relação aos jovens também ocorre à medida que essa fase é vista como um momento de crise, conflitos com família e com a própria personalidade, que, “ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora”. (DAYREL, 2003, p. 41).

Se por um lado há esse pessimismo em relação à juventude, o contraponto também existe ao romantizarmos o jovem. Essa idealização dos jovens vem se formando desde os anos de 1960, período em que a indústria cultural e o mercado estiveram bastante voltados para o consumo dos jovens, desde moda, lazer, músicas até a representação desse grupo como símbolo de tempos de liberdade (ABRAMO, 1994). Outro autor a tratar sobre o ideal social que temos em relação aos jovens é Ribeiro (2004). Para ele, não só associamos a esse grupo a ideia de liberdade pessoal, como também a noção de que corpo bem cuidado, saúde, rompimentos e recomeços afetivos e profissionais são questões ligadas com uma “conversão do humano em jovem”.

Essa premissa nos permite observar que o conceito de juventude na contemporaneidade é permeado de transformações e variáveis de acordo com os diferentes contextos. Esteves e Abramovay (2007) articulam que a cultural juvenil não é unitária, não pode ser categorizada em um bloco monolítico e homogêneo. O que existe são culturas juvenis, no plural, com pontos que convergem e divergem entre si, ora com pensamentos e ações comuns e ora com pensamentos e ações contraditórias entre si.

As questões relacionadas à natureza variável da juventude refletem também nas discussões contemporâneas acerca das mídias. Buckingham (2007) debate que as tecnologias digitais e novas mídias têm causado uma transformação no processo de produção midiática e também revolucionando os processos de distribuição e recepção, mas não podemos atribuir a elas uma mudança social sem levar em conta o contexto em que são usadas. O autor ainda contribui dizendo que “as mudanças recentes nas tecnologias da mídia podem ser compreendidas, em primeiro lugar, como uma simples questão de proliferação” (BUCKINGHAM, 2007, p.120).

Essa ideia de proliferação das mídias está proporcionalmente ligada às condições socioeconômicas em que determinados grupos juvenis estão inseridos. Falar em

desigualdade e diferenças na condição juvenil é falar do acesso e práticas de uso das mídias e tecnologias. Os contextos sociais demarcados pelas desigualdades sociais como condições estruturais negam o direito à cidadania, com isso o lazer, as formas de se informar culturalmente e exercer a cidadania acabam se tornando privilégio e não direito de todos os jovens (Martins e Souza, 2017).

As mudanças recentes das mídias podem ser entendidas por uma questão de difusão dessas ferramentas. Para Buckingham (2007) desde o advento da televisão, a tela da TV tornou-se o principal ponto de distribuição e de mídias. Com o avanço de tecnologias, como a TV a cabo e o satélite, a tela passou a exercer outras funções múltiplas, de formatos de mídia digital, como os jogos de computador, videogames e até internet – a considerada nova mídia. O autor ainda atribui a todas essas mudanças, o processo de convergência das tecnologias de informação e comunicação. Sobre essa convergência, argumenta Jenkins:

A convergência dos meios é um processo em andamento, ocorrendo em várias interseções de tecnologias de mídia, indústrias, conteúdo e audiências; não é um estado final. Nunca haverá uma caixa preta para controlar todos os meios. Ao invés disso, graças à proliferação dos canais e à natureza cada vez mais ubíqua da computação e das comunicações, nós estamos entrando numa era onde a mídia estará em toda parte, e nós usaremos todos os tipos dos meios de comunicação relacionando-os uns aos outros. Nós desenvolveremos novas habilidades para controlar a informação, novas estruturas para a transmissão por meio desses canais, e novos gêneros criativos para explorar os potenciais dessas estruturas emergentes (JENKINS, 2008, p. 93).

As novas e velhas mídias se misturam. O poder das organizações midiáticas, o poder do usuário em atuar sobre os conteúdos e o desenvolvimento tecnológico, resulta nessa convergência. Há que se considerar distintos os jovens e suas práticas de uso das mídias, pois distintos são também os contextos sociais, históricos, econômicos, religioso e cultural. Vale ressaltar, no entanto, que mesmo com todas as variáveis o avanço das tecnologias e a globalização fazem com que a juventude seja cada vez mais universal no sentido de que jovens vivem realidades sociais diferentes, mas “habitam” um lugar comum, que é a rede tecnológica.

Redes Sociais

Nos dias atuais o consumo das redes sociais cresce gradativamente. Não é raro ouvir que jovens criaram uma conta no *Facebook*, possuem um número que tem *Whatsapp* e estão inscritos em canais do *YouTube*. Bem como, que os avós estão no *Facebook*, os pais postando fotos e fotos no *Instagram* e comentando as fotos dos filhos no *Facebook*.

Em termos de redes sociais mais utilizadas no mundo, o *Facebook* ainda está em primeiro. No segundo lugar está o *YouTube*, em terceiro o *Whatsapp*, no quarto lugar temos o *Messenger* do *Facebook* e, por último o *Instagram*. No Brasil, a divisão de redes mais utilizadas está: *Facebook*, *Whatsapp*, *Youtube* e *Instagram*.

Para as autoras Ferreira e Broega, “as Redes Sociais podem ser consideradas como formas de representação de relacionamento, pessoais e/ou profissionais, entre pessoas, individualmente ou em grupos de interesse comuns”. Ou seja, essa rede proporciona interação e interatividade entre os sujeitos que por elas trafegam. Uma vez que se entende por interatividade “uma nova forma de interação técnica, de cunho “eletrônico-digital” (LEMOS, 2006, p, 1).

Diferente da interação “analógica” que caracterizou os media tradicional. Essa interação e interatividade permite a modelação, e dependendo da idade, a construção do caráter do cidadão como explica a Ferreira e Broega,

É necessário ter em conta que, nas Redes Sociais, os indivíduos que a elas pertencem estão sempre em ação, e que estas são dinâmicas, transferindo essa dinâmica para as Redes Sociais. Estas estão evoluindo e alterando com o tempo. [...] Como tal, as abordagens mais recentes feitas sobre as “Redes Sociais” está no facto de se perceber a estrutura, não como objetivos de pura estrutura, cujas propriedades estavam fixadas no tempo, mas sim como estando em constante mutação no tempo e no espaço (FERREIRA E BROEGA, [ca.200] p, 9).

Desta maneira, assim como as redes sociais estão em mutação, as opiniões que nelas são postadas, os dilemas, os assuntos mais comentados também vão se alternando. “As Redes Sociais são plataformas onde se pode aceder a pensamentos escritos de pessoas que não são conhecidas do utilizador” (FERREIRA E BROEGA, 2012, p. 4),

logo, o jovem que se encontra conectado às redes está suscetível a consumir o que nela for postado.

Com o intuito de realizar uma aproximação e observação do consumo de mídias entre os de jovens, mergulhamos em uma experiência como coordenadoras de campo do projeto educomunicação. Durante dois anos e meio realizamos visitas às escolas participantes do projeto. Ao iniciarmos nossa jornada no projeto, em 2015, participamos da aplicação de um questionário com 63 questões junto aos alunos do nono ano do ensino fundamental e ao primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio. Foram 54 estudantes respondentes, sendo 33 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, distribuídos na faixa etária dos 14 aos 18 anos. Apenas três respondentes tinham idade acima dos 18 anos.

Mais à frente, em 2017, um questionário específico sobre o consumo de redes sociais também foi aplicado. Nele, as perguntas eram de múltipla escolha, em algumas, os respondentes poderiam colocar mais de uma resposta. As perguntas eram relacionadas ao *Facebook*, *Youtube* e outras mídias. Porém, mais voltado para o consumo de material dos jovens respondentes no *Youtube*.

A realidade tecnológica em Jangada e na comunidade onde os questionários foram aplicados ainda é hoje uma promessa quanto às demais cidades onde o projeto também se foi realizado. No total, foram 54 alunos respondentes. Quando indagados sobre ter ou não computador na residência, apenas oito disseram possuir o computador; 24 disseram ter acesso a internet. Em relação ao aparelho celular, 43 dos respondentes afirmaram ter, e 32 assinalaram acessar a internet pelo aparelho móvel, porém não com muita frequência, pois a internet não funciona tão bem naquela região.

Tabela 1 – Possui computador em casa

Tem computador ou notebook em casa?	
Sim	4
Não	50
Total	54

Entretanto, mesmo tendo acesso limitado à internet, os jovens não apresentaram ter menores habilidades no uso das ferramentas presentes no celular, como também não demonstraram ser menos informados sobre as atualizações do dispositivo. Nesta comunidade, por exemplo, os estudantes que possuíam celulares conheciam muito bem todas as funções do aparelho e como manuseá-las. Quando questionados sobre os conteúdos consumidos na internet, 25 dos 54 jovens afirmaram ter a finalidade voltada para o acesso às redes sociais. Nesta questão era permitida mais de uma marcação como resposta.

Um dado que temos a partir das vivências, é que mesmo os estudantes não possuindo uma conta no Facebook, eles conhecem a rede e também conhecem boa parte das funções. Isso nos remete ao convívio social estabelecido com outros jovens usuários das redes.

Tabela 2 - Utilização da Internet

Você tem o costume de navegar na internet?	Alunos
Sim	36
Não	18
Total	54

Nesta comunidade, o acesso ao *Facebook* não é uma característica presente nos hábitos dos participantes. Percebemos também um considerável número de jovens que não possuem o costume de acessar a internet. Essa situação se apresenta como um fator importante para o não acesso ao *Facebook* ou a outras redes sociais.

Em outro questionário aplicado no ano de 2017, na mesma escola, os jovens foram questionados se tinham ciência da existência do *YouTube*. Entre 25 respondentes, 19 afirmaram conhecer essa rede. Entre os que conheciam a rede, 14 afirmaram não acessar. Cinco jovens com hábito de acesso ao YouTube declararam utilizar a rede para consumir conteúdos humorísticos. Sendo mais citados os canais, “Eu fico loko”, “Windersson Nunes” e “Porta dos fundos”. Nenhum dos respondentes assinalou consumir notícias, canais de esportes, ou outros canais para a finalidade de estudos e outros assuntos.

Um dado encontrado durante a análise e interpretação dos questionários é referente ao uso das redes sociais enquanto fazem alguma outra atividade. Neste questionário, de 24 estudantes respondentes dessa questão, oito marcaram consumir alguma rede social enquanto assiste TV. Dos oito, cinco utilizam o *whatsapp* e três navegam pelo *facebook*.

É possível considerar, a partir dessas informações, a vivência do ócio criativo (DE MASI, 2000) pelos estudantes. Pois, considerando a expertise dos jovens em conseguir trabalhar com diversas mídias de modo simultâneo na realização de outras tarefas, percebemos a aplicação da teoria defendida por De Masi (2000) ao argumentar que é na junção das atribuições da vida cotidiana que o homem alcança sua plenitude. Assim, quando o jovem está estudando e ao mesmo tempo faz uso das redes sociais caracterizadas como uma atividade de lazer, ele está vivendo o seu ócio criativo, ao promover a junção entre dimensões tidas como de lazer com as estabelecidas como obrigatórias.

Ao responderem à questão sobre em quais momentos eles compartilham conteúdo na internet enquanto assistiam TV, das 84 respostas, 18 marcaram a opção de assistir na televisão jogos de futebol ou outros tipos de esportes. Em segundo lugar, a opção que mais marcaram foi a dos momentos de lazer, assistir shows, passeio com as famílias e outros.

É perceptível, também, que o assunto mais comentado pelos jovens é o futebol. Esse dado não fica só em 2015, mas também está presente em 2017, quando um novo questionário foi aplicado. Desta forma, suas conversas, suas brincadeiras, estavam voltadas para o futebol. E não somente os meninos, como também as meninas interagem com as conversas e praticavam o esporte durante os momentos de lazer. Esse foi um dado, que parte das escolas rurais que visitamos, era expressa tal realidade. O futebol como o assunto mais comentado e praticado pelos jovens

Considerações Finais

A partir das informações apresentadas até aqui, percebemos que a realidade tecnológica é totalmente diferenciada entre as cidades. Por mais que os estudantes

tenham um aparelho celular em casa, ou para consumo individual, sem internet no aparelho, ou uma rede *wifi*, não há tanta utilidade, para os estudos, informação, uso de redes sociais e outros.

Ainda que a maioria dos estudantes assinalaram acessar a internet, esse acesso não é frequente, o que dificulta o contato deles com outras pessoas fora daquela comunidade, estar a par das inovações que acontecem no mundo, ter um olhar questionador ao que assistem na televisão, pois a internet proporciona diferentes pontos de vista (não levamos em consideração nessa discussão se a internet tem notícias falsas ou não, apenas diferentes pontos de vista), assim também o auxílio para os estudos desses estudantes. Uma vez que, como apresentado, a escola possui poucos recursos educacionais, como a biblioteca.

Em relatos durante as vivências semanais com os estudantes, eles expuseram algumas dificuldades. Que para eles, fica mais difícil se comunicar com quem não mora mais lá, como amigos que foram embora para outra cidade, ou para os arredores. Os próprios professores também relatam que o acesso limitado à internet, atrapalhava, às vezes, o planejamento de aula, pois desejavam baixar vídeos relacionados ao conteúdo que pretendiam trabalhar em sala de aula e não conseguiam, dentre outras dificuldades.

Outro ponto é que por mais que tenha uma rede *wifi* na escola, o sinal da mesma é ruim, limitado e em parte das vezes que estivemos na escola, não era possível acessar nenhuma rede social, carregar vídeos da internet e outras funções que dependiam de internet para serem realizadas.

Como apresentou o autor Dayrel (2003), pode existir uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, no entanto, com os dados dos questionários e a convivência com os jovens dessa escola, foi possível analisar que nas regiões rurais, esse distanciamento é menor se comparado ao das cidades urbanas. Com o acesso limitado da internet, os jovens discutem mais assuntos com familiares e amigos, tornando assim o convívio e os laços sociais mais estreitos.

Por fim, podemos admitir que o consumo de mídias pelos jovens das regiões rurais ainda é extremamente limitado. Tanto em termos de tecnologia, quanto informacional, no que se refere aos assuntos tecnológicos que se propagam no mundo

todo. Encontra-se também o estranhamento referente a tecnologias como computador, *tablet*, câmeras digitais. Porém, o desejo de aprender é bem vívido, e os estudantes, ao se tratar de tecnologia e mídias sociais, se mostravam entusiasmados ao serem indagados sobre a possibilidade de aprender algo novo.

Sem sombra de dúvidas, os estudantes das escolas rurais, não só dessa, mas de outras que também tivemos a oportunidade de vivenciar semanalmente, aproveitam mais o conteúdo que absorvem, e o desejo de aprender mais, aprender o correto referente às mídias sociais, às tecnologias que ainda são novas para eles, é bem maior. Os alunos desta escola em que analisamos os dados, não mediam esforços e ao decorrer do projeto, conforme a timidez deixada de lado, eles acabavam interagindo mais, conseqüentemente, aprendiam mais, passando esse conhecimento para seus pais, irmãos, amigos e até mesmo aos professores.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. **Juventude e cultura**: cartilha dito e feito. São Paulo, n. 4, 2001.
- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2007.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- BROEGA, Joana; FERREIRA, Inês. **Redes Sociais – Uma inovação para o futuro. Isla: Lisboa**. [ca. 2000]. 43 p.
- COSTA, Thais. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil?** Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- DAYREL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. *Rev. Bras. Educ.* 2003, n.24, p.40-52.
- DE MASI, Domenico; PALIERI, Maria Serena. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/jangada>> Acesso em: 05 jul. 2018

JAKS, Nilda, PIEDRAS, Elisa, ROSSINI, Mirian, TOALDO, Mariangela. *Jovem Brasileiro e Práticas Midiáticas em Tempo de Convergência – Brasil Profundo*, 2015. Projeto de Pesquisa – Procad n. 071/2013

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais. *Tendências XXI*, Lisboa, n. 2, p. 19-29, 1997.

MARTINS, C. H. S.; SOUZA, P. L. A. de. *Cultura, Lazer e Tempo Livre de Jovens Brasileiras(os) na Perspectiva de Gênero e Escolaridade*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007.

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias**. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. ABEDucom, 2017. P.600-613. Disponível em <<http://www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes>>

RIBEIRO, R. J. **Política e juventude: o que fica da energia**. In R. R. Novaes & P. Vannuchi. (Orgs.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. 2004, p. 19-33. São Paulo: Fundação Perseu Abramo

SALEM, Tania. **Filhos do milagre**. *Ciência Hoje*. 1986, v. 5, n. 25

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Disponível em: <<http://www2.seduc.mt.gov.br/>> Acesso em: 05 jul. 2008.